

Conjuntura Grande parte tem emprego informal e está muito preocupada com crise, afirma pesquisa

Nas favelas, 86% dos empreendedores têm queda nos negócios

IMPACTOS DO CORONAVÍRUS

Bruno Villas Bôas
Do Rio

Moradora da Rocinha, Valdete da Silva Oliveira, de 56 anos, passou as últimas três décadas trabalhando por conta própria como depiladora. Nas últimos meses, manteve uma clientela cativa de 20 mulheres de bairros endinheirados da zona sul do Rio de Janeiro.

Há cerca de uma semana nenhuma demandou seus serviços.

"O serviço desapareceu totalmente. Todos estão com medo do coronavírus, então as clientes não me recebem em casa", diz a depiladora, que teve a ajuda de algumas clientes dispostas a antecipar o pagamento pelo serviço a ser prestado futuramente, passado o pior momento da pandemia.

Valdete saiu de casa uma vez na semana passada, para fazer compras no mercado. As ruas da Rocinha não estavam muito diferentes das do resto da cidade: pouca

circulação, comércio fechado, especialmente nas vias principais, onde circulam policiais que orientam o fechamento de lojas.

As dificuldades são compartilhadas por outros moradores e pequenos empreendedores. Levantamento do Instituto Data Favela em 262 comunidades do país, que ouviu 1.142 pessoas, mostra que 54% dos moradores de 16 anos ou mais de favelas vivem de empreitadas individuais, como autônomos ou microempreendedor, dos quais apenas 30% são formalizados.

São manicures, cabeleireiros, boleiras, vendedores ambulantes, lavador de carro, eletricitistas. É exatamente o perfil de trabalhador que mais preocupa especialistas durante o período de isolamento provocado pelo novo coronavírus, por sofrer perda súbita de rendimentos e, na maioria das vezes, não ter poupança.

Um recorte do levantamento realizado de 20 a 22 de março e obtido pelo Valor mostra que 86% dos entrevistados perceberam redução das vendas ou movimento do negócio por causa dos efeitos do coronavírus. E ainda que 92% estão "muito preocupados" com os efeitos da pandemia sobre seus negócios.

"Os pequenos empreendedores de favelas ficam sem renda, não têm poupança. Em um mês, a maioria não vai ter dinheiro para se alimentar. Isso pode, lá na frente, gerar uma convulsão social", disse Renato Meirelles, presidente do Instituto Locomotiva e fundador do Data Favela com a Central Única das Favelas (Cufa).

Meirelles alerta que romper a quarentena não seria, porém uma saída. "Criou-se uma discussão de economia versus saúde. Mas é melhor falidos do que falecidos. A economia se recupera, vidas humanas, não. Essas famílias são sustentadas, muitas vezes, por uma só pessoa. Se essa pessoa morre, a desestruturação social é muito grande", acrescenta.

Ele defende como saída o aumento do gasto público. "O país



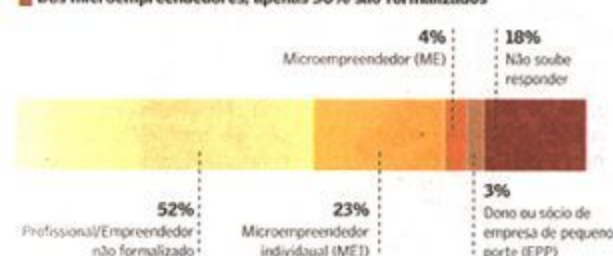
Depiladora Valdete da Silva Oliveira, de 56 anos, atendia 20 clientes por mês e vive da solidariedade de parte delas

Informais das favelas

Levantamento mostra perfil dos trabalhadores das comunidades



Dos microempreendedores, apenas 30% são formalizados



Motivo que levou a empreender



Metodologia
Panel Data Favela / Locomotiva foi realizada com amostra de 1.142 entrevistas em 262 favelas em todos os estados da federação. Foram entrevistados homens e mulheres, de 16 anos ou mais, de 20 a 22 de março

Fonte: Data Favela

precisa de crédito para pequenas empresas, injeção direta de recurso. É colocar dinheiro no bolso do cara. E isso de forma rápido, para não 'ser tarde demais', diz Meirelles, acrescentando que as medidas anunciadas ainda não seriam suficientes.

Comandada por Celso Athayde, a Cufa é uma das organizações sem fins lucrativos que têm buscado conscientizar moradores das comunidades. Ele divulgou vídeo com artistas ressaltando a importância de lavar as mãos, colocou carro de som nas ruas e mobilizou lideranças de diversas favelas do país.

"Fazemos campanhas nas favelas há mais de 20 anos. Temos lideranças em 5 mil favelas do país. São 250 apenas em São Paulo, outras 250 no Rio de Janeiro. Sabíamos que, quando o coronavírus chegasse na favela, o espaço aglomerado era propício para propagação de qualquer desgraça", afirma Athayde.

No Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, o coletivo Papo Reto criou um funk orientando moradores. "Vamos ter consciência e fazer toda a prevenção para nossa comunidade. Lave as mãos frequentemente, com água e sabão. Evite sair de casa para não

ter aglomeração", diz um trecho da música divulgada.

Athayde diz que as mensagens esbarram, porém, nas carências das favelas. Como pedir para pessoas das comunidades lavarem frequentemente as mãos se nas favelas falta serviço de água e esgoto? Como convencer os trabalhadores para ficarem em casa se a renda deles depende do valor faturado nas ruas?

"Mesmo os trabalhadores formais das favelas continuam saindo para trabalhar. Eles é que tornam possível a quarentena da classe média. São caixas de supermercados, atendentes de farmácia, entregadores de comida, o gari que continua recolhendo lixo", diz o fundador da Cufa.

A ONG tem viabilizado a distribuição de doações. Na sexta-feira houve a distribuição de 20 toneladas de picanha doadas pela JBS Friboi. A Ambev doou álcool gel, assim como a Natura. A Fundação Casas Bahia fez doação de cestas básicas. Empresas como Picpay e Lello também têm apoiado.

"Temos pouco tempo de vírus e os impactos sociais são crescentes, porque a favela já era um lugar carente. Não sabemos quanto tempo vai durar, é preocupan-

te. Precisamos de mais doações para continuar", diz Athayde, que pela primeira vez em 20 anos abriu campanha para receber doações de dinheiro na Cufa.

Projeções do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV) mostram que a renda dos informais será ainda mais afetada pela crise — neste caso, incluindo moradores de comunidades e do "asfalto". No cenário considerado otimista, segundo as projeções, a renda desse grupo vai encolher 5% no segundo trimestre e 2% no terceiro trimestre.

Dados da Pnad Contínua, do IBGE, mostram que a renda média mensal de um trabalhador informal ou conta própria sem CNPJ está na faixa de R\$ 1.300 a R\$ 1.350. Metade desses trabalhadores recebe valores iguais ou superiores a um salário mínimo. O contra própria com CNPJ, ou seja, formalizado, recebe em média R\$ 3.125.

"O risco de uma crise social severa no Brasil, principalmente nas grandes cidades, é elevado. E, caso não se garanta a sobrevivência dessas pessoas, também não se controlará a pandemia, pois esses trabalhadores, e seus familiares, vão para as ruas buscar renda de alguma forma", avaliou Daniel Duque, do Ibre/FGV.

'Estamos esquecidos e deixados à própria sorte, tentando nos salvar'

Cristiane Agostine
De São Paulo

"Estamos esquecidos e deixados à própria sorte, tentando nos salvar. O avanço do coronavírus deixa claro que existem dois Brasis: o da quarentena, do 'home office' e do álcool em gel, e o Brasil da favela, da fome e do córrego." Líder do da favela de Paraisópolis, Gilson Rodrigues desabafa enquanto recebe dezenas de pedidos de cesta básica e produtos de higiene. Todos os dias, Gilson percorre as ruas da maior favela de São Paulo e vê o desemprego, a miséria e a falta de alimentos avançarem em um ritmo ainda mais acelerado do que os casos de covid-19 na cidade.

Sem emprego nem renda para os mais carentes, o líder comunitário antevê um colapso social, mesmo com a previsão do repasse de R\$ 600 pelo governo federal. "Os saques de alimentos são iminentes. A população está com fome." E teme pelo pior cenário na comunidade. "Logo mais começaremos a ver pessoas mortas por covid-19."

A quarentena em Paraisópolis "ainda é fake", afirma Gilson. A dificuldade, assim como em outras favelas, é manter famílias com dez, 12 pessoas, em casas improvisadas, sem janelas, e convencer que a disseminação do novo coronavírus é real, e não é algo distante. Para o líder comunitário, um dos obstáculos tem sido o presidente Jair Bolsonaro.

"Conversei com comerciantes para impedir bailes, fiquei dias seguidos falando para as pessoas não irem para a rua. Aí o presidente fala na TV que é só um 'resfriadinho', que não precisa ficar em casa. Aquilo acabou comigo", diz, sobre o pronunciamento feito por Bolsonaro em rede nacional, na terça-feira. "No dia seguinte, tava todo mundo na rua. Loucura. Foi irresponsabilidade", diz. Na região, foram registrados cinco casos de covid-19. Ontem, o número de mortes no país chegou a 136, e de infectados, 4,2 mil.

Gilson coordena o G10 Favela, grupo composto pelas dez favelas com maior poder econômico do país. Nas outras nove comunidades, as dificuldades são semelhantes. Em Heliópolis, na zona sul da capital paulista, o desemprego também chegou antes do coronavírus e divide opiniões sobre a quarentena.

Daniilo Vieira, de 24 anos, trabalhou em uma indústria alimentícia por oito meses, fazendo kit de lanches. Em média, a produção diária era de 30 mil lanches. Com o avanço dos casos de covid-19, contratos foram cancelados, a produção caiu para um sexto do que era. Assim como Daniilo, parte dos funcionários foi demitida. Sem emprego, o jovem quer voltar a trabalhar. "Acho que deveriam ficar isolados só aqueles que estão no grupo de risco", diz. "Vamos ficar assim até quando?"

Incrustada em São Luís, no Maranhão, a favela de Coroadinho ainda

não mudou a rotina de pequenos comerciantes locais. Líder do G10 Favelas Coroadinho, Christiane Teixeira Mendes, também cita o pronunciamento de Bolsonaro, além das entrevistas dele ao Ratinho e Datena como um "aval" para o fim da quarentena. "Quando começou-se a falar do isolamento, as pessoas se recolheram. Depois do pronunciamento, mudou. Aí as pessoas relaxaram. Tá quase igual ao que era", diz.

As escolas interromperam as aulas e os grandes comércios fecharam, mas os pequenos não, afirma a líder comunitária. "Os comerciantes falam: se eu não trabalhar, não vou pagar as contas", diz. "Quando a ronda da PM passa, abaixam as portas, mas depois reabrem tudo de novo", afirma. "Vai-se vivendo a vida."

Lavar as mãos com água e sabão para prevenir o contágio não é tarefa fácil na comunidade. "Abrir a torneira e encontrar água é a sétima maravilha do mundo", diz Christiane, que reclama do rodízio velado de água na comunidade. O sabão tem sido dividido entre os vizinhos. "Não é só o pão que a gente tem que dividir."

Na Rocinha, no Rio de Janeiro, a crise do coronavírus só piorou a situação econômica dos moradores, que já enfrentavam o desemprego e a fome, e se equilibravam para pagar as contas com o trabalho informal. "É uma situação muito difícil. Parece que um abismo vai chamando outro abismo", diz o líder do G10 Favelas da Rocinha, William de Oliveira. Na

comunidade, as ruas continuam movimentadas. "A ficha só vai cair quando os casos começarem a acontecer dentro da favela", diz. "Também tô com dívida, mas não vou me desesperar. O que custa esperar mais alguns dias em casa?" William critica a proposta de isolamento só para os grupos de risco. "Isso é coisa para rico. Aqui na comunidade tem 40, 50 famílias numa viela."

Na favela do Estrada Nova/ Juruas, em Belém, a comunidade ficou em quarentena por três dias, mas depois voltou ao trabalho, diz o líder comunitário Renato Rosas. "O pensamento por aqui é: enquanto o surto ainda não chegou com força, vamos trabalhar". Construída na beira de rio, a favela é coalhada por palafitas, com casas coladas umas nas outras. "Se o coronavírus chegar para cá... Minha mãe do céu!", diz Renato. "É gritante a situação sanitária. As pessoas estão em cima do esgoto, com bocado de bicho embaixo. Pode até lavar a mão, mas o que adianta se está em cima do esgoto?", diz.

Mesmo em São Paulo, Estado que lidera o número de casos e de mortos, a quarentena perdeu adeptos ao longo da semana em parte das favelas. Em Heliópolis, por exemplo, é visível o aumento de pessoas nas ruas. Líder do G10 Favelas de Heliópolis, José Marcelo diz ter feito um trabalho de formiguinha no convencimento. "Vamos mais jovens, com até 30 anos, nas ruas. Estão cada vez mais impacientes com esse isolamento."